SERMÃO A SANTO ANTÓNIO – XI DOMINGO COMUM B 2015

1. “O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra” (Mc.4,26)!

1.1. Esta semente é a Palavra de Deus. E o semeador é Cristo. A semente, que é a Palavra, tem a potencialidade de produzir por si a planta, a espiga e o trigo. E isto acontece ‘enquanto o semeador dorme’ , enquanto ele sonha o futuro, na medida em que ele se confia ao poder da graça. Na verdade, um é o que semeia, outro o que planta, outro o que rega, mas é Deus que faz crescer (I Cor.3,6-7).

1.2. O mundo precisa de semeadores. Precisa de quem lance à terra esta semente da Palavra. E neste dia, celebramos uma figura exemplar desta sementeira: Santo António, exímio pregador. Enviado, por circunstâncias totalmente casuais, a pregar por ocasião de uma ordenação sacerdotal, mostrou ser dotado de ciência e eloquência, e os Superiores destinaram-no à pregação. Começou assim na Itália e na França, uma atividade apostólica tão intensa e eficaz que induziu muitas pessoas que se tinham afastado da Igreja a reconsiderar a sua decisão. Ele foi realmente o grande semeador da Palavra, o semeador que primeiro foi terreno fecundado por essa semente e depois se tornou pregador notável… Conhecia de cor a Bíblia... e explicava as Escrituras, como ninguém, de tal modo que o Papa Gregório IX lhe chamou "Arca do Testamento". Anunciava a Palavra com arte sábia de pregador. E testemunhava-a com a vida santa e exemplar. Aos padres do seu tempo ele insistia que «para pregar santamente é preciso viver santamente. Quem fala de coisas celestes deve viver celestialmente». Profundo conhecer da Sagradas Escrituras, familiarizado com a Palavra de Deus, soube semeá-la por toda a parte. Santo António foi sobretudo um pregador da Palavra de Deus. Bebida na sua fonte da Bíblia, essa palavra corria, na sua pregação, vida e exemplo, como a água fresca. É um pregador da realidade, da natureza, da vida e da história. Usa a metáfora, a parábola, o cenário, a ação dramática no esforço de transmitir a sabedoria de uma vida que experimenta. Não espanta que o povo levante "imagens" a quem se multiplicou em imagens para dizer o amor de Deus pelo mundo e pela humanidade. Sendo tão proveitosa para aqueles que o escutaram, ainda hoje podemos tirar proveito dela nos seus Sermões dominicais e festivos que chegam até nós. Pregando, com paciência, aos peixes, - como reza a tradição – o seu exemplo é também uma bela prova da tolerância que deve acompanhar o anúncio da Palavra, que nunca violenta a liberdade do homem, mesmo o mais obstinado.

2. “A mais pequena das sementes torna-se a maior de todas as plantas., estendendo de tal forma os seus ramos, que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra” (Mc.4,32).

O seu testemunho confirma o ensinamento da parábola: “a mais pequena das sementes torna-se a maior de todas as plantas., estendendo de tal forma os seus ramos, que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra» (Mc.4,32). Na verdade, a fama do santo humilde, do pobre franciscano, rapidamente se disseminou por toda a terra. Ele é o santo de todo o mundo. Assim se confirma a palavra do salmista (Sal.91/92): «o justo florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro do Líbano». Na verdade, não há Igreja, em parte do mundo, que não se encontre a sua imagem, o seu culto… Esta expansão do culto a santo António lembra a imagem da 1ª leitura em que “do cimo de um cedro frondoso é arrancando um ramo novo e plantado num monte muito alto” (Ez.17,22-24). Na verdade, parece que o vento do Espírito Santo levou, para bem longe, as sementes desta árvore de santidade, de modo que o exemplo de Santo António se plantou e implantou por toda a parte.

3. Mas, neste tempo que é o nosso, qual poderá ser a atualidade da vida, da pregação e da ação, de Santo António?

Eu diria que, o santo nascido, nos alvores da nossa nacionalidade, é hoje uma referência para a sociedade portuguesa, no que se refere à forma como desinstalou os ricos e defendeu os pobres. Os pobres aproximavam-se de Santo António porque não se sentiam humilhados, nem pelo seu saber, nem pela sua virtude. Já no seu tempo, sécs. XII-XIII, notava: «hoje são os pobres, os simples, os humildes, que têm sede da palavra da vida e da água da sabedoria. Pelo contrário, os mundanos, aqueles que se inebriam com o cálice de ouro do vício, os sabidos, os conselheiros dos poderosos - acreditem-me - , não se deixam anunciar a mensagem divina». Denunciou o egoísmo dos ricos, a usura e a exploração dos operários. Dez anos depois da sua morte, um frade afirmou a seu respeito: «no nosso tempo, nunca ouvimos um tão doce consolador dos pobres e tão áspero acusador dos poderosos». A sua pregação e a sua vida está cheia de exemplos de defesa dos mais descartáveis da sua época e de denúncias vigorosas dos desmandos dos poderosos de seu tempo. Poderemos dizer que Santo António é o padroeiro da consciência social. Diz-nos o santo: «Dai aos pobres... Quem não dá e fecha as entranhas ao seu irmão pobre, peca mortalmente, porque não existe nele a caridade de Deus. Entesoura no Céu Aquele que dá a Cristo; dá a Cristo, aquele que dá ao pobre». Na verdade, no início do século XIII, no contexto do renascimento das cidades e do florescer do comércio, crescia o número de pessoas insensíveis às necessidades dos pobres. Por este motivo, António convidou várias vezes os fiéis a pensar na verdadeira riqueza, a da cruz, que tornando-os bons e misericordiosos, faz acumular tesouros para o Céu. "Ó ricos - assim exorta ele - tornai-vos amigos... dos pobres, acolhei-os nas vossas casas: serão depois eles, os pobres, quem vos acolherão nos eternos tabernáculos, onde há a beleza da paz, a confiança da consciência, a opulenta tranquilidade da eterna saciedade" (Sermomes Dominicales et Festivi II, Messaggero, Pádua 1979, p. 29)”. E perguntava-se Bento XVI, ao falar de Santo António: “Não é porventura este, queridos amigos, um ensinamento muito importante também hoje, quando a crise financeira e os graves desequilíbrios económicos empobrecem não poucas pessoas, e criam condições de miséria”? Na verdade, como o mesmo Papa emérito recordara na sua Encíclica Caritas in veritate "a economia tem necessidade da ética para o seu correto funcionamento não de uma ética qualquer, mas de uma ética amiga da pessoa" (n. 45). E o Papa Francisco denunciará ainda com vigor a tal «economia que mata» (EG 53). Não por acaso, à volta de Santo António, se desenvolveram inúmeras iniciativas de cariz social e caritativa, como o Pão e a sopa dos pobres... o Pão de Santo António… etc.

4. Três interpelações nos deixa hoje Santo António

1.ª O desafio à familiaridade com a Palavra de Deus, de modo que, escutando-a, nos tornemos terra fecunda, onde ela germina, cresça e frutifique. E vivendo esta Palavra, nos tornemos semeadores incansáveis.

2.ª Vivermos como discípulos missionários, de forma que a Palavra de Deus, chegue a todo o lado, a todas as pessoas, para que a Igreja se implante por toda a parte.

 3.ª Neste tempo difícil, edificarmos uma Igreja pobre, para os pobres, de modo que os pobres sintam a Igreja, como sua casa (EG 199). É importante que os cristãos, iluminados pela luz do evangelho, se comprometem na sociedade, na política, nas instituições, levando o sal do evangelho contra a corrupção e ajudando a construir um mundo novo, mais solidário.

Cada um de vós pode ser esse “ramo novo” plantado ou implantado nos vossos ambientes de vida, onde os pobres possam encontrar a sombra e o abrigo da vossa proteção. Deste modo, prestareis verdadeiro culto a Santo António e ele se sentirá verdadeiramente honrado, com gestos que falarão por vós!